Questões sobre a Identidade Krahô

JULIO CEZAR MELLATTI

Cativado pelo amável convite para integrar esta mesa-redonda, aceitei-o talvez um tanto precipitadamente, uma vez que nunca tomei a noção de identidade como elemento central de uma pesquisa. Limitar-me-ei, portanto, a relembrar alguns aspectos ligados à identidade Krahô, esparsos em trabalhos meus já publicados na esperança de que sirvam para alimentar a discussão.

Em meu primeiro livro, *Índios e Criadores*, tive de enfrentar o problema das identidades (sem usar este termo) de uma mesma população, como Krahô e como índio, tomando como solução contrastá-la, respectivamente, com membros de outras tribos e com os civilizados (Mellatti, 1967 : 123-124). O reconhecimento explícito da identidade Krahô pelos próprios Krahô foi então encontrado num momento do rito de *Pembkahók*, no qual os índios nascidos em aldeias não-krahô são colocados numa situação especial, daí concluindo ser indispensável nascer numa aldeia Krahô para ser reconhecido como Krahô (Mellatti, 1967 : 127). Contrastando-se com os Xerênte, dizem os Krahô já estarem "esmorecidos" nas suas relações com os civilizados (Mellatti, 1967 : 151-152), mas que também são alinhados e mansos, ao contrário dos brigões Xerênte.

Ao se contrastarem, como índios, aos civilizados, um maior número de características se tornou explícito. Assim, distinguem-se dos civilizados por características culturais, como o reconhece o mito de *Aukhê*, uma vez que a escolha do arco implicou na escolha de todos os itens culturais a ele ligados, pois o arco é "camarada do cuité", enquanto o prato é "camarada do espingarda" (Schultz, 1950 : 90, 92). Acrescentam-se as diferenças biológicas, como a cor da pele (cuja origem está nas versões Krahô do mito de Adão e Eva, Mellatti, 1972 : 134), a qualidade do sangue; o distinto destino das almas, indo as dos civilizados para o céu e vagando as dos índios na terra, como

alude também o mito de *Aukhê* (Schultz, 1950 : 92). O mesmo mito ainda põe os índios na condição de recebedores de presentes e os civilizados na de doadores (Schultz, 1950 : 92. Mellatti, 1967 : 124-126). *Anuário Antropológico/82,* Fortaleza, Edições UFC, RJ, TB, 1982. Ainda como característica da identidade de índios estava a de caçador de gado (Mellatti, 1967 : 136-139).

Como estímulos para a manutenção da identidade de índio podemos destacar a existência de uma reserva tribal e as viagens às grandes cidades, nas quais os traços "exóticos" como o corte de cabelo e as orelhas furadas são fundamentais para garantir a veracidade da identidade indígena e ganhar a correspondente simpatia e presentes (Mellatti, 1967 : 132-136, 139-144).

Ao considerarem ou tentarem a transformação em civilizados, os Krahô põem em evidência duas outras identidades de cuja manutenção parece depender a de índio: a de parente e a de morador de aldeia. Para viver como um sertanejo é preciso abandonar certas obrigações devidas aos parentes, como a de oferecer alimentos (é digno de nota que no extinto rito de *Atâm* os Krahô relacionavam a redução da solidariedade aos limites da família elementar com a acumulação de alimentos) (Mellatti, 1978 : 129-130), e a certas concessões da vida em aldeia; contrastam a maior oportunidade de diversão para os jovens na aldeia com o trabalho precoce dos meninos nas casas isoladas dos sertanejos (Mellatti, 1967 : 145-151).

É digna de nota a existência de indivíduos que, claramente, têm ascendentes entre os civilizados, mas o fato de terem nascido em aldeias Krahô os torna inequivocamente Krahô e índios. Por outro lado, aqueles índios que tentam viver segundo os costumes sertanejos acabam não podendo ser definidos por uma identidade nem pela outra, sendo, como disse um informante, *kupên kahogré,* isto é, "falsos civilizados" (Mellatti, 1967 : 126-127).

Como a identidade não se define apenas por quem a assume, mas também pelos outros, há que considerar que os civilizados também definem os índios por características morais (preguiçosos, ladrões), culturais (ignorantes dos padrões civilizados, sem higiene) e biológicas (de sangue diferente, passíveis de se transformarem em "capelobos") (Mellatti, 1967 : 106-121), que não coincidem com a definição indígena. Em outras palavras, categorias "caboclo" e "cristão", segundo a terminologia dos civilizados, parecem ter exatamente a mesma extensão e conteúdo das categorias, respectivamente, *mehim* e *kupên,* na nomenclatura Krahô, mas os valores a elas associados são bem diferentes.

Pelo menos quatro questões, por conseguinte, podem ser isoladas a partir dos dados etnográficos apresentados em *Índios e Criadores*: a) Como distinguir, em toda e qualquer situação, a identidade de índio da de Krahô, uma vez que é sob as características desta última o único modo pelo qual se apresenta a primeira? b) É possível considerar a identidade étnica dependente da assumpção de um conjunto de outras identidades, como a de parente, membro de uma aldeia, caçador de gado, etc.? c) Como definir a identidade daqueles que se colocam a meio caminho entre uma e outra? d) Podem categorias nascidas de tradições históricas diferentes acabar por coincidir?

Em outro livro, *O Messianismo Krahô* (Mellatti, 1972), apresento em mais detalhes um episódio religioso-político que já tinha descrito brevemente em *Índios e Criadores* (Mellatti, 1967 : 151-154). Há na descrição desse movimento dois aspectos dignos de nota. Um deles foi o recurso de que os Krahô lançaram mão para abandonarem a identidade de índios e tomarem a de civilizados: a imitação do comportamento destes, procurando adotar a abstinência de carne dos católicos, a guarda dos dias santos, a dança aos casais, a construção em pau-a-pique, abandonando, simultaneamente, seus cestos e esteiras, a pintura de corpo, o assamento com pedras quentes, a corrida de toras (Mellatti, 1972 : 66-71). Mas os Krahô que experimentavam essa prática estavam convencidos de que ela não era suficiente para obterem a metamorfose, sendo necessária para tanto uma intervenção direta e definitiva do Salvador, no caso *Tatí*, a Chuva, o que parece responder de modo negativo a questão *b* do parágrafo anterior, isto é, a identidade étnica não se altera com a simples rejeição ou adoção de elementos culturais.

O outro aspecto é a resistência dos velhos à idéia de se transformarem em civilizados, alegando que não queriam usar roupa (Mellatti, 1972 : 40, 88). Há versões do mito de *Aukhê* que aludem a tal resistência, ao fazerem este herói espantar com tiros os índios velhos, retendo consigo os jovens, que transformou em civilizados, fazendo-os esquecer sua origem (Mellatti, 1972 : 126-128, 131).

Enfim, os dados de *O Messianismo Krahô* indicam duas características da identidade étnica segundo os Krahô: a) a mudança da identidade está além dos esforços dos interessados em obtê-la; b) o tempo consolida a identidade.

No trabalho "Reflexões sobre algumas narrativas Krahô" (Mellatti, 1974), transcrevo e comento uma dúzia de contos de guerra em que a oposição entre índios e civilizados quase não

está presente, sendo mais freqüente o entrechoque de tribos distintas, ou aldeias de tribos não identificadas, ou oriundas de cisão de uma mesma aldeia. Uso aqui o termo "contos de guerra" para designar aquelas narrativas que, mesmo que constituam ficção, têm um caráter mais histórico do que mítico. "Contos de guerra" ou "estórias de guerra" são termos que William Crocker (1978 : 2, 4) aplica a narrativas semelhantes dos Canelas. A partir desses contos de guerra não é possível isolar características da identidade Krahô, uma vez que as narrativas não estabelecem nenhuma diferença cultural, psicológica, moral ou racial entre os grupos em confronto. Afinal de contas, os grupos quase sempre se enfrentam como aldeias. Mas três aspectos importantes, com relação à identidade, podem ser isolados a partir desses contos de guerra.

Um deles é a importância do tempo na consolidação da identidade como membro de um grupo étnico; em um desses contos, na iminência de um combate entre os Pukobyê e os Krahô, estes a serviço de um fazendeiro e apoiados por ele e seus vaqueiros, dois homens Pukobyê, que viviam havia dez anos entre os Krahô, decidem ficar do lado de seus anfitriões, com receio de não mais serem reconhecidos por seus antigos companheiros (Mellatti, 1974 : 26). Este aspecto foi detectado também, como vimos, em *O Messianismo Krahô.*

O mesmo episódio, tal como outros do mesmo e de outros contos guerreiros, indica que é possível viver entre duas identidades étnicas antagônicas, até que um momento crítico obrigue a optar por uma delas.

O terceiro aspecto posto em destaque pelos contos de guerra é o do conflito entre identidades mantidas pela mesma pessoa, tais como companheiro/amigo formal, irmã/mãe-esposa, xará/membro de grupo inimigo, namorado ou esposo/membro de grupo inimigo, que pode atingir um clímax que resulte na retirada do indivíduo de seu próprio grupo ou no recuo de seu processo de incorporação a outro grupo. Num desses contos, por exemplo, *Katamrík* abandona a aldeia porque sua irmã prefere reservar para as amigas formais dele a carne que ele pretendia partilhar com seus companheiros. Acompanhado de um xará que talvez fosse seu próprio nominador, chega a uma outra aldeia cujos moradores os querem matar; mas são protegidos por um líder também chamado *Katamrík.* Apesar dos esforços deste último, seus hóspedes acabam sendo abatidos, o que faz o protetor retirar-se com seus filhos e filhas para a aldeia das vítimas, voltando, com os habitantes desta, para atacar e destruir sua própria aldeia (Mellatti, 1974 : 3-5).

Esses contos guerreiros e fragmentos esparsos de uma história oral dos Krahô também apontam para um problema a que até agora não dei a importância devida. Trata-se da subdivisão dos Krahô em subtribos ou então de restos de outras tribos Timbira que se abrigaram entre eles. De qualquer modo os sucessivos casamentos entre essas diversas subdivisões (a que se acrescentaram, na primeira metade deste século, alguns Xerênte) contribuíram para apagar possíveis distinções e reivindicações. Há, porém, quem diga que os Mankháre são os verdadeiros Krahô, enquanto outros afirmam que constituem apenas uma subdivisão dos mesmos. Mankháre, que significa "filhos da ema", é um nome que alude ao mito da dispersão dos índios depois de uma briga motivada pela agressão a uma ema domesticada; os Mankháre teriam sido aqueles que permaneceram na aldeia original. Uma variação de Mankháre, "Macamecrans" parece ser até de uso mais freqüente que o termo Krahô pelos cronistas que fizeram menção a estes índios nos inícios do século XIX. Deixo, porém, esta questão para um outro trabalho.

Em *Ritos de uma Tribo Timbira* (Mellatti, 1978), sobretudo em seu capítulo 5, complementado pelo artigo "Indivíduo e grupo" (Mellatti, 1981), procurei mostrar como esses conflitos entre identidades (ainda sem me utilizar do termo "identidade") se transfiguram em episódios míticos e em características de personagens rituais, principalmente os que costumam ser chamados de "grupos da praça".

Nos mitos e nos ritos, de um modo geral, os Krahô não se opõem como tal a tribos não-Krahô, nem como índios aos civilizados, mas como humanos aos não-humanos. Mas aí, também, a única maneira de se apresentar como humano é como Krahô.

Mitos e ritos apresentam um intenso trânsito sobre a linha que separa o humano do não-humano, constituído de trajetórias definitivas como a obtenção do fogo, da agricultura, dos ritos, dos cânticos em uma direção ou pela transformação de homens em monstros, em habitantes do céu, na outra. Esse trânsito também se constitui de incursões temporárias no campo contrário, como o do homem que foi aos céus, o que desceu ao mundo subterrâneo ou, no sentido inverso, dos seres da água que chegaram até a aldeia. Dir-se-ia que os mitos e os ritos mostram que, ao invés das características culturais, biológicas, psicológicas ou morais, o que verdadeiramente define a identidade é o estar de um lado ou de outro da linha.

BIBLIOGRAFIA CITADA

CROCKER, William H. "Estórias das épocas de pré e pós-pacificação dos Ramkókamekra e Apâmekra-Canelas". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.* (Nova Série, Antropologia, 68), Belém, 1978.

MELLATTI, Julio Cezar. *Índios e Criadores: a situação dos Krahô na área pastoril do Tocantins.* Rio de Janeiro, UFRJ, 1967. (Monografias do Instituto de Ciências Sociais, 3).

————. *O Messianismo Krahô.* São Paulo, Herder e EDUSP, 1972.

————. "Reflexões sobre algumas narrativas Krahô". *Trabalhos de Ciências Sociais.* 1974, (Série Antropologia Social, 8), Brasília, FUB-CIS.

————. *Ritos de uma Tribo Timbira.* São Paulo, Ática, 1978, (Ensaios, 53).

————. "Indivíduo e grupo: à procura de uma classificação das personagens mítico-rituais Timbiras". *Anuário Antropológico/79,* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1981, p. 99-130.

SCHULTZ, Harald. "Lendas dos índios Krahô", *Revista do Museu Paulista,* Nova Série, vol. 4, São Paulo, p. 49-163, 1950.